

A PAISAGEM VERNÁCULA DA BAIXA DOS SAPATEIROS

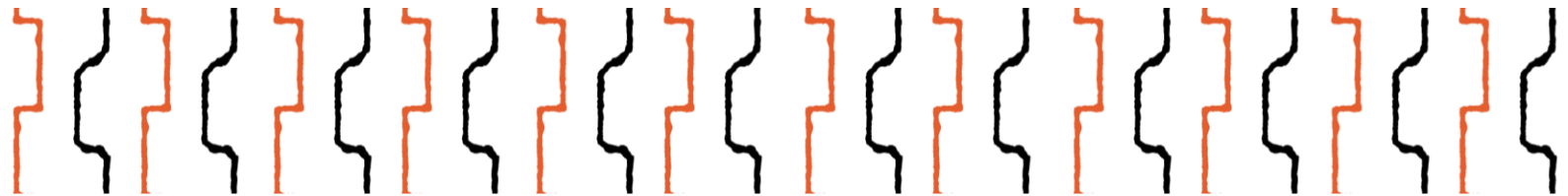
Arquitetura em três tempos

Sueide Gonçalves Rosa

Universidade Federal da Bahia | sueide-22@hotmail.com

Resumo: A Avenida José Joaquim Seabra, conhecida como Baixa dos Sapateiros é uma avenida de vale provida do século XIX. Localizada no centro de Salvador, é constituída por uma paisagem cultural complexa, resultado da integração histórica entre práticas populares, memória e transformações urbanas. Este artigo propõe analisar essa paisagem sob a perspectiva da arquitetura em três tempos, articulando tradição e contemporaneidade. O primeiro tempo refere-se à arquitetura colonial luso-brasileira, caracterizada por técnicas construtivas vernaculares, como o adobe, que configuram a materialidade e o arranjo espacial do território histórico. O segundo tempo corresponde à arquitetura popular do século XX, marcada por edificações com técnicas convencionais, refletindo a adaptação às necessidades urbanas. Por fim, o terceiro tempo evidencia a arquitetura contemporânea, expressa em novas construções que utilizam o sistema em light steel frame, evidenciando rupturas formais e técnicas que tencionam a paisagem local. A análise fundamenta nas perspectivas de Carl Sauer, William Hoskins e John Jackson sobre a paisagem vernácula, uma categoria que pode ser entendida dentro do conceito de paisagem cultural, considerando-a como produto da ação humana em diálogo com a natureza, permeada por valores simbólicos, sociais e técnicos. A metodologia combina pesquisa bibliográfica, levantamento documental, observação de campo e registro fotográficos e cartográficos, permitindo mapear as camadas históricas e atuais da Baixa dos Sapateiros. O estudo evidencia como memória, técnica construtiva e uso social se articulam na produção da paisagem, identificando permanências, transformações e tensões entre tradição e inovação. Ao discutir os impactos da arquitetura contemporânea sobre a paisagem vernácula, o artigo propõe reflexões sobre como projetos urbanos e intervenções arquitetônicas podem dialogar com a história e a identidade do território, respeitando seus valores simbólicos e sociais.

Palavras-chave: Paisagem vernacular; Técnicas construtivas; Salvador; Baixa dos Sapateiros.



THE VERNACULAR LANDSCAPE OF BAIXA DOS SAPATEIROS - ARCHITECTURE IN THREE ERAS

Abstract: Avenue José Joaquim Seabra, known as Baixa dos Sapateiros, is a valley avenue in the 19th century. Located in the center of Salvador, it consists of a complex cultural landscape the result of historical interaction between popular practices, memory and urban transformations. This article proposes to analyze this landscape from the perspective of architecture in three strokes, articulating tradition and contemporaneity. The first time refers to Portuguese-Brazilian colonial architecture, characterized by vernacular construction techniques, such as adobe, which configures the materiality and the spatial arrangement of the historical territory. The second period corresponds to popular architecture of the 20th century, marked by buildings with conventional techniques, reflecting adaptation to urban needs. Finally, the third time evidences contemporary architecture, expressed in new constructions that use the light steel frame system, evidencing formal ruptures and techniques that affect the local landscape. The analysis is based on the perspectives of Carl Sauer, William Hoskins and John Jackson on vernacular landscape, a category that can be understood within the concept of cultural landscape, considering it as a product of human action in dialogue with nature, permeated by symbolic, social and technical values. The methodology combines bibliographic research, documentary survey, field observation and photographic and cartographic records, allowing the mapping of the historical and actual layers of Baixa dos Sapateiros. The study of evidence such as memory, construction technique and social use is articulated in the production of the landscape, identifying permanences, transformations and tensions between tradition and innovation. To discuss the impacts of contemporary architecture on the vernacular landscape, the article proposes reflections on how urban projects and architectural interventions can dialogue with the history and identity of the territory, respecting its symbolic and social values.

Keywords: Vernacular landscape; Construction techniques; Salvador; Baixa dos Sapateiros.

EL PAISAJE VERNÁCULO E BAIXA DOS SAPATEIROS - ARQUITECTURA EM TRES EPOCAS

Resumen: La avenida José Joaquim Seabra, conocida como Baixa dos Sapateiros, es una avenida de valle que data del siglo XIX. Ubicada en el centro de Salvador, comprende un paisaje cultural complejo, resultado de la interacción histórica entre las prácticas populares, la memoria y las transformaciones urbanas. Este artículo propone un análisis de este paisaje desde la perspectiva de la arquitectura en tres períodos, articulando tradición y contemporaneidad. El período inicial hace referencia a la arquitectura colonial luso-brasileña, que se distingue por técnicas de construcción vernáculas, como el adobe, que configuran la materialidad y la disposición espacial del territorio histórico. El segundo corresponde a la arquitectura popular del siglo XX, marcada por edificios que utilizan técnicas convencionales lo que refleja la adaptación a las necesidades urbanas. Finalmente, el tercer destaca la arquitectura contemporánea, expresada en nuevos edificios que utilizan el sistema de estructura ligera de acero, evidenciando rupturas formales y técnicas que tensionan el paisaje local. El análisis se basa en las perspectivas de Sauer, Hoskins y Jackson sobre el paisaje vernáculo, categoría que se enmarca en el concepto de paisaje cultural, considerándolo como producto de la acción humana en diálogo con la naturaleza, permeado por valores simbólicos, sociales y técnicos. La metodología combina investigación bibliográfica, estudios documentales, observaciones de campo y registros fotográficos y cartográficos, lo que permite mapear las capas históricas y actuales de la Baixa. El estudio resalta cómo la memoria, las técnicas de construcción y el uso social se conectan en la creación del paisaje, señalando las continuidades, cambios y tensiones entre tradición e innovación. El artículo analiza cómo la arquitectura moderna afecta el paisaje tradicional. Proporciona ideas sobre cómo los proyectos urbanos y los cambios arquitectónicos pueden relacionarse con la historia y la identidad del lugar, manteniendo sus valores simbólicos y sociales.

Palabras clave: Paisaje vernáculo; Técnicas constructivas. El Salvador; Baixa dos Sapateiros.

1.INTRODUÇÃO

Salvador, primeira capital do Brasil, constitui-se historicamente como uma cidade marcada por profundas transformações espaciais, sociais e raciais, resultado de um processo colonial e do sistema escravocrata que estruturou sua formação urbana. A configuração de seu centro histórico revela a sobreposição de tempos, práticas e técnicas construtivas que expressam não apenas projetos oficiais de cidade, mas também formas de ocupação e de apropriação do espaço urbano. Nesse contexto, a paisagem de Salvador pode ser compreendida como uma paisagem cultural complexa, na qual memória, uso social e materialidade arquitetônica se articulam de maneira indissociável.

Inserida nesse cenário, a Avenida José Joaquim Seabra, conhecida popularmente como Baixa dos Sapateiros, constitui-se como uma avenida de vale (a primeira a ser ocupada em finais do século XVIII) no centro da cidade, consolidou-se a partir do século XIX, como um importante eixo de circulação e de comércio popular, a Baixa conforma uma paisagem onde técnicas construtivas e usos se sobrepõem em sucessivas transformações ao longo do tempo. Historicamente associada ao trabalho, à informalidade, o comércio popular e às práticas cotidianas marcadas pela forte presença da população negra e de baixa renda, a Baixa se configura como um território de intensa vivência urbana, no qual a arquitetura reflete adaptações sucessivas às dinâmicas sociais, econômicas e culturais da cidade. Por essas características, a Baixa é adotada como recorte espacial deste estudo, sendo analisada enquanto expressão de uma paisagem vernacular profundamente vinculada à história social de Salvador e enraizada na memória coletiva da população soteropolitana.

Diante desse contexto, este artigo propõe analisar a paisagem da Baixa dos Sapateiros a partir da noção de arquitetura em três tempos, buscando compreender como memória, técnica construtiva e uso social se articulam na produção da paisagem vernacular da Baixa dos Sapateiros. O primeiro tempo corresponde à arquitetura colonial luso-brasileira, caracterizada por técnicas construtivas vernaculares e pela adaptação ao sítio. O segundo tempo refere-se à arquitetura popular do século XX, marcada por técnicas convencionais, pela intensificação dos usos comerciais e sua adaptação às necessidades urbanas. O terceiro tempo evidencia a arquitetura contemporânea, expressa em novas construções que utilizam sistemas construtivos industrializados, tencionando a paisagem local. A partir dessa análise, pretende-se identificar permanências, transformações e tensões entre tradição e inovação, ao discutir as rupturas produzidas pela arquitetura contemporânea.

A metodologia adotada baseia-se em uma abordagem qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica, levantamento documental, observação de campo e registros fotográficos e cartográficos. Essa estratégia adotada permitiu mapear as camadas históricas da paisagem da Baixa dos Sapateiros.

No âmbito teórico, o artigo fundamenta-se no conceito de paisagem vernacular, entendido como uma categoria inserida no campo mais amplo da paisagem cultural. A partir das contribuições de Carl Sauer, a paisagem cultural é compreendida como resultado da ação humana sobre a paisagem natural, sendo moldada por práticas sociais, técnicas e valores culturais. William G. Hoskins reforça essa leitura ao conceber a paisagem como um documento histórico, no qual as marcas do passado permanecem inscritas no território. J.B.Jackson, por sua vez, amplia essa abordagem ao valorizar a paisagem cotidiana e os espaços produzidos a partir do uso social, definindo a paisagem vernacular como aquela construída pelas pessoas em função de suas necessidades, valores e modos de vida.

No Registro Nacional de Lugares Históricos dos Estados Unidos define paisagem vernacular como "[...] resultado de antigas atividades, usos do solo e escolhas humanas do passado. Podem demonstrar um arranjo específico de recursos ligados mais ao uso da terra do que um projeto consciente e são em sua maioria, rurais." (Clement, 1999, adaptado, p.6 apud Frank; Yamaki, 2021, p.147)

Para Frank e Yamaki (2021):

[...] a paisagem vernacular como uma paisagem que tenha constituído ao redor das atividades do cotidiano (sejam econômicas ou não) e cujas características se associem ao uso continuado. Tais paisagens podem ter evoluído organicamente, a partir de adições residuais do tempo ou a partir de diretrizes gerais de organização do território (dimensão de lotes, traçado de estradas, p.ex), mas sem perder os contornos próprios dos indivíduos ou grupos que realizaram. Podem também apresentar significados e simbolismos associados a estes mesmos grupos ou atividades. (Frank e Yamaki, 2021, p.149)

4

Ainda segundo Frank e Yamaki (2018), a partir da definição do National Park Service dos Estados Unidos, pode-se incluir três categorias gerais na Paisagem Cultural, sendo:

(1) Paisagens projetadas definidas e desenhadas intencionalmente por humanos, e que incluem em grande parte os parques e os jardins;

(2) Paisagens que tenham evoluído organicamente, resultado das sucessivas interações entre as comunidades locais e o seu ambiente natural [aqui podemos incluir a Paisagem Vernacular];

(3) Paisagens culturais associativas, possuidoras de enorme potencial religioso, artístico ou associações culturais com os elementos naturais. (Clement, 1999 apud. Frank e Yamaki, 2018, p. 246)

A paisagem vernacular pode ser considerada como uma das categorias da paisagem cultural refletindo as características físicas, biológicas e culturais. Deste modo, compreender a Baixa dos Sapateiros a partir da noção de paisagem vernacular implica reconhecer que sua arquitetura não se resume a objetos formais isolados, mas também como um espaço de trabalho, circulação e sociabilidade da população, onde práticas urbanas vernaculares se manifestam tanto na ocupação do espaço quanto nas soluções arquitetônicas adotadas ao longo do tempo. Entender que a paisagem da Baixa não se restringe às técnicas construtivas, mas que também expressa modos de

vida, saberes técnicos, práticas sociais, apropriação e resistência urbana acumuladas no tempo.

2.A PAISAGEM VERNACULAR SOB A PERSPECTIVA DE SAUER, HOSKINS E JACKSON

Carl Sauer (1889-1975), geógrafo alemão, grande precursor para a geografia humanista, patrono e principal expoente do conceito da paisagem cultural, com suas contribuições metodológicas utilizadas na classificação e identificação de paisagens culturais. Seu trabalho mais conhecido "A morfologia da Paisagem (1925)" onde apresenta sua interpretação mais conhecida de paisagem como o "molde de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural o meio, a paisagem cultural é o resultado". (Sauer, 1963, p. 343)

Em seus estudos de paisagem, Sauer ao delimitar áreas e regiões de uma determinada cultura a partir de traços comuns e outras similaridades, traçava leitura pelo processo histórico, levando em conta aspectos legais e mudanças institucionais (Frank e Yamaki, 2018). Hoskins e Jackson também partilhavam deste processo metodológico. Ao medir a capacidade e habilidade de observação dos indivíduos e das técnicas, produto da transformação da paisagem "in natura" em paisagem cultural. Sauer (2004) define os parâmetros básicos para a interpretação da paisagem:

O Geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variedade de um tipo, mas ele tem sempre em mente o genérico e procede por comparação. [...] É certo que na seleção de características genéricas da paisagem o geógrafo é guiado somente pelo seu próprio julgamento de que elas são características, ou seja, repetitivas; que ela estão organizadas em um padrão, ou possuem qualidade estrutural, e que a paisagem precisamente pertence a um grupo específico na série geral das paisagens. (Sauer, 2004, p.24-25, adaptado, apud. Frank e Yamaki, 2018, p.248)

5

Frank e Yamaki (2018), definem o estilo de Sauer como central para os estudos de Paisagem Vernacular, no qual ressalta a importância do estudo morfológico e do trabalho de campo. A observação em campo permite observar as transformações na paisagem e marcar seus tempos históricos, seguido da estrutura morfológica da paisagem, atributos físicos, as potencialidades em relação a figura humana no estudo de paisagem vernacula, posteriormente identificadas nas pesquisas de Hoskins e Jackson.

Willian George Hoskins (1908-1992), historiador britânico muito difundido entre intelectuais ingleses o associam a termos paisagem, história, ruralidade e nostalgia. Frank e Yamaki (2018), citam que Hoskins procura unificar os termos em sua interpretação na transformação paisagem regional em sua terra natal. Para o autor, a paisagem se incorpora ao lugar e a localidade. Ela é vista por meio de camadas, nos quais está são perceptíveis no estudo da paisagem vernacular, já que a mesma é visível nas sobreposições do tempo que o local recebe.

Jonh Brickerhoff Jackson (1909-1996) autor estadunidense, foi um marco central no estudo e difusão do termo paisagem vernacular. O autor ao utilizar o termo paisagem, se refere ao mundo material e ao cotidiano, sem ignorar os aspectos simbólicos e originários do lugar. Para Wylie (2007):

[...] o tema dominante de sua escrita é que o termo "paisagem" pertence ao mundo material da vida cotidiana em comum - um mundo de casas, carros, estradas, calçadas, quintais. Aquele mundo habitado por aquilo que Jackson entendeu como norte-americanos comuns: pessoas que vivem distantes dos centros metropolitanos de poder ou das teorizações abstratas. O sentido é que este mundo - que ele passou a denominar de "Paisagem Vernacular" - estava sendo negligenciado, omitido ou até tratado com desdém por acadêmicos, planejadores e políticos. Isto deu ímpeto e direção a seus trabalhos. Em seus ensaios na Revista Landscape, procurou desmistificar o linguajar especialista ou as perspectivas remotas ao mesmo tempo em que ressaltava o valor e a riqueza das formas indígenas e vernaculares da vida americana. Suas palavras são bem claras: "Nós não somos espectadores, a paisagem não é uma obra de arte. É um produto temporário de muito suor, trabalho duro e de pensamento sincero" (Wylie, 2007, p. 43, apud. Frank e Yamaki, 2018, p.251)

Algo que caracteriza a obra de Jackson são os aspectos fundamentais que facilitam o discernimento da paisagem vernacular de outra qualquer: a funcionalidade e a flexibilidade. A arquitetura vernacular está associada à frugalidade, simplicidade e a um senso de comunidade (Jackson, 1987, apud. Frank e Yamaki, 2018, p. 252). Para ele, o primeiro foco de estudo deve ser a casa, pois ela é quem ancora as atividades que interferem na paisagem.

Segundo Meinig (1979), os princípios básicos da obra de Jackson são:

6

- 1 - Paisagem ancorada na vida humana;
- 2 - Paisagem é unidade e deve ser compreendida em termos do mundo vivido;
- 3 - O primeiro e fundamental elemento a ser analisado é a casa;
- 4 - Especial atenção aos elementos vernaculares, principalmente aqueles representados pela arquitetura vernacular;
- 5 - No sentido abrangente toda paisagem é simbólica. Paisagens inevitavelmente mudam. (Meinig, 1979, Frank e Yamaki, 2012, p. 252)

Traçando um paralelo entre os autores, é possível identificar características marcantes em cada um: Jackson pode ser definido pelos termos "vernacular", "comum" e "popular"; Hoskins, pode-se utilizar "história" e "densidade temporal"; já Sauer, o termo utilizado é "morfológica". A semelhança dos trabalhos dos três teóricos ao "compreender a paisagem produzida no cotidiano através de teorias que apresentam semelhanças e diferenças. Mas, que, em conjunto favorecem a compreensão da paisagem vernacular, tanto pela entrada teórica como nos procedimentos metodológicos de sua interpretação. (Frank e Yamaki, 2018, p. 248)

3.ARQUITETURA DA BAIXA EM TRÊS TEMPOS

Compreender a paisagem da Baixa dos Sapateiros exige reconhecê-la como um território produzido por sucessivas camadas históricas, nas quais arquitetura, técnica

construtiva e uso social se articulam de maneira dinâmica. Longe de constituir um conjunto homogêneo ou estático, a Baixa revela-se como um espaço em constante transformação, onde permanências e rupturas coexistem, expressando mudanças econômicas, sociais e culturais ocorridas ao longo do tempo.

Essa leitura é fortalecida pela noção de paisagem vernacular, especialmente a partir da contribuição de Jackson. Para o autor, a paisagem não deve ser entendida apenas como composição formal ou cenário visual, mas como resultado direto das práticas cotidianas, das atividades de trabalho e das formas de uso do espaço. A paisagem vernacular emerge, portanto, das ações ordinárias da vida urbana, sendo moldada por necessidades práticas, adaptações funcionais e rotinas sociais. Sob essa perspectiva, a Baixa dos Sapateiros pode ser compreendida como uma paisagem construída pela morfologia única do local e pela dinâmica do comércio popular, pela circulação intensa e pelas atividades associadas ao trabalho, que historicamente estruturaram sua identidade espacial.

A definição de paisagem como expressão das práticas sociais encontra ressonância em abordagens contemporâneas que articulam leitura morfológica e análise territorial. Frank e Yamaki (2022), reconhecem elementos da paisagem vernacular a partir de levantamentos baseados em imagens de satélite e cartas topográficas, metodologia que possibilita identificar padrões de uso do solo, permanências e transformações ao longo do tempo. Tal abordagem reforça a compreensão da paisagem como processo histórico visível na materialidade urbana, permitindo observar como dinâmicas econômicas, infraestruturas e formas de ocupação reconfiguram continuamente o território.

A leitura da arquitetura da Baixa a partir da noção de três tempos não implica uma divisão rígida ou linear, mas um recurso analítico que permite evidenciar processos, transições e tensões que configuram a paisagem vernacular. Cada tempo corresponde a momentos distintos da produção do espaço urbano, marcados por diferentes técnicas construtivas, lógicas de ocupação e formas de apropriação social.

O primeiro tempo refere-se à arquitetura colonial luso-brasileira e ao processo de formação da Baixa dos Sapateiros, quando técnicas vernaculares, como o adobe, a taipa e a alvenaria de pedra e cal, estruturaram a materialidade e a organização espacial do território. O segundo tempo corresponde às transformações ocorridas ao longo do século XX, marcadas pela consolidação do comércio popular e pela adoção de técnicas construtivas convencionais. Por fim, o terceiro tempo evidencia a inserção da arquitetura contemporânea, caracterizada por sistemas construtivos industrializados e novas linguagens formais, que tensionam a paisagem historicamente consolidada.

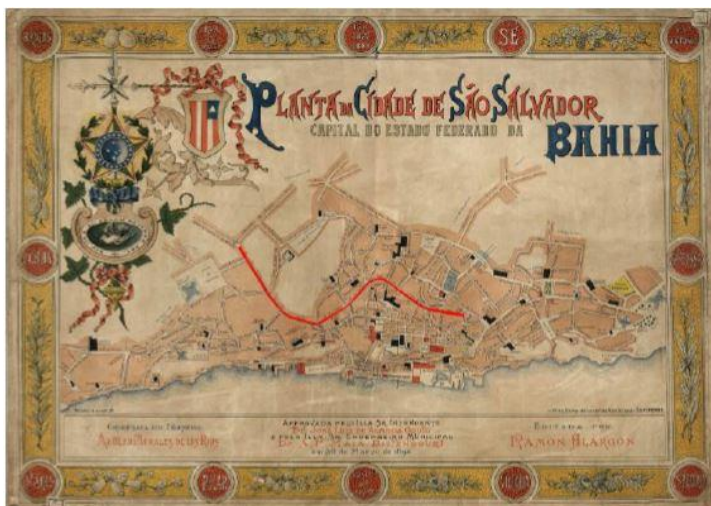
As análises desses três tempos permitem compreender a Baixa dos Sapateiros como uma paisagem vernacular em permanente construção, na qual técnica, memória e uso social se entrelaçam.

3.1 PRIMEIRO TEMPO: ARQUITETURA COLONIAL VERNÁCULA E A FORMAÇÃO DA PAISAGEM

O primeiro tempo da arquitetura da Baixa dos Sapateiros insere-se no processo de formação urbana de Salvador e nas transformações territoriais que marcaram a cidade entre os séculos XVIII e XIX. A área do vale, inicialmente definida por suas condições naturais e por uma ocupação menos densa em relação à cidade alta, gradualmente passou a integrar as dinâmicas urbanas à medida que os fluxos de circulação, comércio e trabalho se intensificaram (Figura 1).

A consolidação de conexões entre a cidade alta e a cidade baixa atribuiu ao vale um papel estratégico na estrutura urbana, transformando-o em espaço de passagem, intercâmbio e atividades mercantis. Esse processo ocorreu por meio de adaptações sucessivas às demandas econômicas e sociais, mais do que por intervenções rigidamente planejadas. A Baixa dos Sapateiros emerge, assim, como produto de uma urbanização progressiva, moldada pelas práticas cotidianas e pelas necessidades funcionais da cidade em expansão.

Figura 1: Planta da cidade com marcação da avenida em vermelho



Fonte: Sampaio, 2025.

Sob a perspectiva da paisagem, essa porção do território pode ser compreendida como resultado da interação entre sítio natural e ação humana. A topografia do vale, suas condições ambientais e a intensificação dos fluxos urbanos influenciaram diretamente tanto a ocupação quanto a configuração arquitetônica das edificações. A paisagem formada nesse período evidencia uma relação intrínseca entre técnica construtiva, adaptação ao meio e organização espacial.

A materialidade arquitetônica desse primeiro tempo foi fortemente marcada pelo uso de técnicas construtivas tradicionais, características da arquitetura colonial luso-brasileira. Sistemas como o adobe, a taipa de pilão, a taipa de mão e a alvenaria de pedra e cal expressam soluções baseadas na disponibilidade de materiais locais, na racionalidade construtiva e na adequação às condições climáticas.

As técnicas em terra, amplamente empregadas, apresentavam vantagens relacionadas ao conforto térmico, à economia de recursos e à viabilidade construtiva. A alvenaria de pedra e cal, por sua vez, contribuía para estabilidade estrutural, especialmente em embasamentos e edificações implantadas em terrenos irregulares. Essas práticas revelam saberes técnicos híbridos, resultantes do encontro entre tradições europeias, indígenas e africanas.

Importante destacar que a execução dessas construções estava profundamente associada ao trabalho de pessoas escravizadas. De certa forma, foi um agente protagonista decisivo na produção material da cidade quanto na circulação e adaptação dos conhecimentos construtivos. Desse modo, as técnicas vernaculares coloniais não podem ser dissociadas das relações sociais e das estruturas de trabalho que configuram o espaço urbano.

Quanto a arquitetura presente na formação da Baixa dos Sapateiros caracteriza-se por soluções espaciais e formais orientadas pela funcionalidade, pela adaptação ao sítio e pela lógica urbana vigente. As edificações apresentavam alinhamentos contínuos às vias, fachadas regulares e organização interna ajustada a lotes estreitos e profundos. (Figura 2)

Figura 2: Vista das edificações de adobe da Baixa



Fonte: Acervo TEMPOSTAL, 2022.

Predominavam sistemas construtivos maciços, com paredes espessas e aberturas estrategicamente posicionadas para ventilação e iluminação naturais. Embora influenciada por matrizes portuguesas, incorporava adaptações locais, evidenciando respostas às condições ambientais e às dinâmicas de uso. Essa configuração contribuiu para a constituição de uma paisagem relativamente coesa, na qual escala, materialidade e implantação mantinham certa continuidade visual e espacial. A relação direta entre arquitetura e espaço público estruturava um tecido urbano de forte legibilidade morfológica.

Em relação a paisagem, formada nesse primeiro tempo pode ser compreendida, à luz de Sauer, como produto da ação cultural sobre o meio natural. A organização espacial, as técnicas construtivas e as formas de ocupação revelam a materialização de práticas sociais, econômicas e técnicas específicas do período.

Na perspectiva de Hoskins, essa paisagem constitui um documento histórico, no qual as marcas desse tempo permanecem inscritas no território, ainda que fragmentadas ou transformadas. Já a leitura de Jackson permite reconhecer que, mesmo em um contexto colonial, o cotidiano, o trabalho e os usos práticos desempenharam papel relevante na conformação do ambiente construído.

Assim, o primeiro tempo evidencia uma paisagem moldada pela interação entre técnica vernacular, adaptação ao sítio e dinâmicas sociais coloniais. Essa camada inicial estabelece a base material e simbólica sobre a qual se desenvolveram as transformações arquitetônicas e urbanas dos períodos subsequentes.

3.2 SEGUNDO TEMPO: ARQUITETURA POPULAR DO SÉCULO XX E A ADAPTAÇÃO ÀS NECESSIDADES URBANAS

A transição da Baixa dos Sapateiros para o século XX marca um período de intensas transformações espaciais, impulsionadas pelos processos de modernização urbana, crescimento populacional e redefinição das dinâmicas econômicas do centro de Salvador. Se, no período colonial, a paisagem era estruturada por lógicas administrativas e mercantis vinculadas ao sistema colonial, ao longo do século XX ela passa a refletir, de maneira mais direta, as práticas cotidianas, os usos comerciais populares e as estratégias adaptativas da população urbana.

Nesse contexto, a arquitetura popular emerge como expressão material das necessidades práticas e econômicas dos usuários. Diferentemente da regularidade formal e construtiva da arquitetura colonial luso-brasileira, as edificações passam a apresentar soluções híbridas, ampliações sucessivas, sobreposições e adaptações frequentemente improvisadas. A paisagem construída revela, assim, uma lógica menos normativa e mais contingente, em que o edifício deixa de ser entendido como objeto isolado e passa a operar como suporte funcional para atividades comerciais e de trabalho.

Essa condição dialoga diretamente com a perspectiva teórica de Jackson, para quem a paisagem vernacular é constituída fundamentalmente pelas rotinas da vida cotidiana. Para o autor, trata-se de uma paisagem produzida não por projetos monumentais ou por intenções estéticas formais, mas pelas práticas repetidas, pelos fluxos e pelas necessidades concretas dos habitantes.

Na Baixa dos Sapateiros, essa paisagem manifesta-se na consolidação de usos predominantemente comerciais, na intensificação dos fluxos de pedestres e na

reconfiguração constante dos térreos das edificações que possuíam mais de um pavimento, sendo que em suma, a maioria das edificações são de um único pavimento. Fachadas são modificadas, vãos ampliados, marquises acrescentados e revestimentos substituídos, produzindo uma estética marcada pela diversidade material e pela transformação contínua.

A arquitetura popular do século XX caracteriza-se, portanto, menos por um estilo definido e mais por processos. Observa-se a incorporação de novos materiais industrializados - como concreto armado, esquadrias metálicas e elementos pré-fabricados - coexistindo com técnicas construtivas tradicionais. Essa mescla evidencia a transição de um sistema construtivo predominantemente artesanal para uma lógica progressivamente industrial que foi bastante difundida nos canteiros de obras e para além deles, a autoconstrução popular.

Vale ressaltar que, embora a Baixa dos Sapateiros tenha se consolidado como um expressivo polo do comércio de rua ao longo das primeiras décadas do século XX, observa-se, na segunda metade do século, uma inflexão significativa em sua dinâmica urbana. A descentralização de funções tradicionalmente concentradas no centro, contribuiu para a queda relativa do comércio tradicional e para a redução dos fluxos de pedestres na avenida.

Esse processo impacta diretamente a paisagem vernacular, uma vez que altera não apenas os usos predominantes, mas também os ritmos, as práticas cotidianas e as formas de apropriação do espaço urbano. A diminuição da intensidade comercial repercute na ocupação dos térreos, na vitalidade das fachadas e na própria percepção da Baixa enquanto espaço de trabalho e de circulação popular.

Sob essa perspectiva, a paisagem da Baixa dos Sapateiros pode ser compreendida como registro visível das transformações sociais e econômicas que atravessam Salvador ao longo do século XX. Essa leitura aproxima-se da abordagem metodológica proposta por Frank e Yamaki (2022), ao reconhecer os elementos da paisagem através da análise temporal de imagens e cartas topográficas.

Embora o presente estudo priorize a discussão em torno da arquitetura da Baixa, essa contribuição teórica em torno da paisagem reforça a compreensão do lugar como espaço em contínua reconfiguração. As alterações nas volumetrias, nos alinhamentos e na ocupação dos lotes revelam processos de adensamento, verticalização pontual e intensificação - seguidos, posteriormente, por retrações no uso comercial.

Mais do que transformações físicas, esse segundo tempo evidencia mudanças nas relações entre arquitetura e uso social. A edificação passa a responder prioritariamente às demandas do comércio popular, da informalidade e das dinâmicas da mobilidade urbana. A paisagem vernacular, nesse período, consolida-se como expressão da adaptação - conceito central para a compreensão da arquitetura popular.

Assim, a Baixa dos Sapateiros deixa de ser apenas herança do traçado colonial e afirma-se como território vivo, onde as camadas históricas coexistem, se sobrepõem e, por vezes, entram em tensão.

3.3 TERCEIRO TEMPO: ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA, NOVAS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS E TENSÕES NA PAISAGEM

O terceiro tempo corresponde à arquitetura produzida no século XXI na Baixa dos Sapateiros, período marcado pela intensificação de intervenções urbanas, pela introdução de novas tecnologias construtivas e pela redefinição das estratégias de requalificação do centro de Salvador. Diferentemente dos períodos anteriores, este momento caracteriza-se pela adoção de sistemas construtivos industrializados, pela presença de novas linguagens arquitetônicas e por ações de ordenamento que reconfiguram materialidades, fluxos e usos urbanos.

Se o primeiro tempo foi estruturado pelas lógicas coloniais e pela arquitetura luso-brasileira, e o segundo pelas adaptações pragmáticas da arquitetura popular do século XX, o terceiro tempo reflete dinâmicas contemporâneas associadas à modernização técnica, à racionalização construtiva e à inserção de edificações que evidenciam contrastes formais e tecnológicos em relação ao tecido urbano preexistente.

Nesse contexto, observa-se a incorporação de sistemas como estruturas metálicas, elementos pré-fabricados e soluções de vedação leves, que alteram significativamente a expressão tectônica da paisagem construída. A leveza estrutural, a precisão industrial e a rapidez executiva tornam-se características recorrentes dessas intervenções, instaurando novas relações entre arquitetura, técnica e percepção urbana.

Entre as intervenções emblemáticas desse período, destaca-se o Novo Mercado São Miguel, cuja concepção arquitetônica evidencia de maneira clara a incorporação de sistemas construtivos contemporâneos.

O primeiro edifício do mercado adota a predominância de estruturas metálicas pré-fabricadas, compostas por vigas e pilares em aço, configurando um sistema estrutural leve, racionalizado e de montagem industrializada. A escolha por esse sistema reflete critérios de desempenho técnico, agilidade executiva e redução de interferências no contexto urbano consolidado.

Para a execução das lajes, foi empregado o sistema steel deck, tecnologia que integra chapas metálicas colaborantes ao concreto estrutural. Tal solução reforça a lógica de industrialização construtiva, permitindo maior velocidade de obra e racionalização dos processos executivos. Nos sistemas de vedação, a edificação apresenta esquadrias em vidro associadas ao uso de brises metálicos, compondo uma envoltória marcada pela transparência, leveza visual e controle ambiental. Essa materialidade contrasta significativamente com as soluções tradicionais observadas nos períodos anteriores,

baseadas em alvenarias espessas e vedações predominantemente opacas. A presença do aço e do vidro instaura uma nova leitura estética na Baixa dos Sapateiros, alterando percepções de densidade, continuidade visual e peso construtivo. Mais do que uma mudança tecnológica, a intervenção evidencia a transição para uma lógica de produção arquitetônica vinculada a sistemas globalizados e industrialmente padronizados.

Já o Camelódromo da Baixa constitui uma intervenção diretamente associada às dinâmicas do comércio informal historicamente presentes na Baixa dos Sapateiros. Sua implantação representa uma tentativa de reorganizar práticas vernaculares consolidadas ao longo do século XX, transferindo o comércio ambulante para uma estrutura arquitetônica formalizada.

Do ponto de vista construtivo, o equipamento adota soluções estruturais contemporâneas baseadas em sistemas metálicos e elementos modulares, possibilitando flexibilidade espacial e racionalização executiva. A leveza estrutural e a lógica modular contrastam com a heterogeneidade e a espontaneidade que historicamente caracterizaram o comércio de rua na Baixa. Se, anteriormente, a paisagem vernacular era marcada pela ocupação difusa dos passeios e pela adaptação informal dos espaços, o camelódromo introduz uma nova organização espacial pautada pelo ordenamento e pela compartimentação programática. Essa transformação evidencia uma tensão fundamental entre institucionalização e vernacularidade, uma vez que práticas cotidianas originalmente dispersas passam a ser concentradas em uma estrutura arquitetônica delimitada.

13

As intervenções arquitetônicas do século XXI na Baixa dos Sapateiros explicitam um campo de tensões entre inovação técnica, memória urbana e práticas vernaculares. A introdução de sistemas industrializados, estruturas metálicas e novas linguagens arquitetônicas não representa apenas uma atualização construtiva, mas uma transformação na própria experiência da paisagem.

A paisagem vernacular, entendida como produto das rotinas, dos usos cotidianos e das adaptações históricas, não desaparece diante dessas mudanças. Ao contrário, ela se reorganiza, absorve novas camadas e evidencia contrastes entre permanências e rupturas.

Nesse sentido, o terceiro tempo revela um território em negociação constante, onde arquitetura contemporânea, técnica construtiva e memória urbana coexistem em relações por vezes complementares, por vezes tensionadas.

4. CONCLUSÃO

A análise da paisagem vernacular da Baixa dos Sapateiros, estruturada a partir da leitura da arquitetura em três tempos, evidencia que o espaço urbano não pode ser compreendido como uma realidade estática, mas como um campo dinâmico de

permanências, transformações e tensões. Ao articular formação histórica, práticas construtivas e usos sociais, o estudo demonstra que a paisagem resulta de processos contínuos de apropriação, adaptação e reconfiguração.

No primeiro tempo, a arquitetura colonial luso-brasileira revelou-se fundamental para a constituição da materialidade e da organização espacial da Baixa, consolidando técnicas construtivas tradicionais e um tecido urbano vinculado às lógicas administrativas e mercantis do período colonial. Nesse contexto, a paisagem se configurou como expressão da relação entre técnica, território e ordem urbana.

O segundo tempo evidenciou a emergência da arquitetura popular do século XX como resposta às dinâmicas da vida cotidiana, do comércio de rua e das necessidades pragmáticas dos usuários. As transformações observadas nesse período – ampliações, adaptações e mesclas construtivas – reafirmam a paisagem vernacular como produto das práticas sociais, conforme discutido por J. B. Jackson. A Baixa dos Sapateiros consolidou-se, então, como território vivo, marcado pela intensidade dos fluxos, pela diversidade material e pela lógica adaptativa.

Já o terceiro tempo, correspondente à arquitetura do século XXI, explicitou a introdução de novas tecnologias construtivas, sistemas industrializados e intervenções urbanas que reconfiguram a materialidade e a percepção da paisagem. Projetos como o Novo Mercado São Miguel, o Camelódromo e o Terminal da Barroquinha revelam que a inovação técnica, embora associada à modernização e à requalificação urbana, instaura contrastes e tensões em relação às camadas históricas e às práticas vernaculares consolidadas.

Sob essa perspectiva, o estudo evidencia que memória, técnica construtiva e uso social se articulam na produção da paisagem, identificando permanências, transformações e tensões entre tradição e inovação. A paisagem vernacular da Baixa dos Sapateiros não desaparece diante das intervenções contemporâneas; ela se reorganiza, absorve novas camadas e revela disputas simbólicas relacionadas à identidade, pertencimento e continuidade histórica.

Ao discutir os impactos da arquitetura contemporânea sobre a paisagem vernacular, este artigo propõe reflexões sobre como projetos urbanos e intervenções arquitetônicas podem dialogar com a história e a identidade do território. Mais do que evitar a mudança, trata-se de reconhecer que inovação e memória não são necessariamente categorias antagônicas, mas dimensões que demandam articulação crítica, sensível e contextualizada. Assim, a Baixa dos Sapateiros afirma-se como um território onde diferentes temporalidades coexistem, revelando que a paisagem urbana é, simultaneamente, herança, processo e projeto.

5. REFERÊNCIAS

CLEMENT, D. General Guidelines for Identifying and Evaluating Historic Landscapes. Califórnia, 1999.

D.W, MEINIG. Reading the Landscape: An Appreciation os W.G Hoskins and J.B Jackson In:MEINIG, D. W. The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays. Oxford: Oxford University Press, 1979. p.195-245.

FRANK, Bruno José Rodrigues; TETSUYA YAMAKI, Humberto. Reflexões e Diretrizes para o Estudo da Paisagem Vernacular. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 146–161, 2021.

FRANK, Bruno José Rodrigues; YAMAKI, Humberto. A paisagem vernacular segundo perspectivas de Sauer, Hoskins e JAA PAISAGEM VERNACULAR SEGUNDO PERSPECTIVAS DE SAUER, HOSKINS E JACKSON. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 19, n. 65, p. 245–256, 2018.

FRANK, Bruno José Rodrigues; YAMAKI, Humberto Tetsuya. Paisagem vernacular no Brasil: apontamentos para a avaliação e inventário. ENTRE-LUGAR, [S. I.], v. 13, n. 25, p. 335–349, 2022.

HOSKINS, W. G. Devon Shire Guide. Londres: Faber, 1964.

HOSKINS, W. G. The Making of English Landscape. Londres: Penguin books, 1967.

JACKSON, J. B. Landscapes. Massachussets : University of Massachussets , 1970.

JACKSON, J. B. Discovering the Vernacular Landscape. New Haven: Yale University Press, 1984.

SAUER, C. About Landscape. In: MATHEWSON, K.; DENEVAN, W. M. Carl Sauer on Culture and Landscape: Readings and commentaries. Baton Rouge: LM Press, 2009. p. 38-42.

SAUER, C. The Morphology of Landscape. University of California publications in geography, Berkeley, v. v. 2, no. 2, p. 29-56, 1963 [1925].

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: Paisagem, Tempo e Cultura. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 [1925].

ROSA, Sueide Gonçalves. Reconfiguração do patrimônio cultural da Baixa dos Sapateiros: o impacto do Novo Mercado São Miguel. - Salvador, 2025.

WYLIE, J. Landscape. Nova York e Londres: Routledge, 2007.